

## CONTRIBUIÇÕES DE LUKÁCS E GRAMSCI NO MÉTODO DIALÉTICO COMO PROCESSO EDUCATIVO

*Contributions of Lukács and Gramsci to the dialectic method as an  
educational process*

*Aportes de Lukács y Gramsci al método dialéctico como proceso educativo*

*Diego Fonseca Dantas<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este ensaio pretende confluir as ideias de Gramsci e Lukács, na perspectiva que tinham da ortodoxia do método dialético, cada um a seu modo (historicidade e totalidade), e que é um método ímpar para teoria e prática educativa no sentido mais lato do termo, isto é, de formação humana. E, também a ideologia que também foi um ponto de confluência entre os dois artífices do pensamento marxista. Pois, para os dois, e isto fica claro na *Ontologia* e nos *Cadernos*, a ideologia é o *veículo* de que os homens se utilizam para dar respostas aos conflitos da experiência. Portanto, a educação precisa ser uma intervenção ideológica para demover crenças do senso comum e transmutá-las para uma consciência emancipada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialética. Educação. Ideologia

**ABSTRACT:** This essay aims to bring together the ideas of Gramsci and Lukács, in their perspective of the orthodoxy of the dialectical method, each in its own way (historicity and totality), and which is a unique method for educational theory and practice in the broadest sense of the term, that is, of human formation. And also the ideology that was also a point of confluence between the two creators of Marxist thought. For, for both, and this is clear in the *Ontology* and in the *Notebooks*, ideology is the *vehicle* that men use to respond to the conflicts of experience. Therefore, education needs to be an ideological intervention to dismantle common sense beliefs and transmute them into an emancipated consciousness.

**KEY-WORDS:** Dialectic; Education; Ideology.

**RIASSUNTO:** Questo saggio si propone di riunire le idee di Gramsci e Lukács, nella loro prospettiva dell'ortodossia del metodo dialettico, ciascuno a suo modo (storicità e totalità), e che costituisce un metodo unico per la teoria e la pratica educativa nel senso più ampio del termine, cioè di formazione umana. E anche l'ideologia che fu anche punto di confluenza tra i due creatori del pensiero marxista. Perché per entrambi, e questo è chiaro nell'*Ontologia* e nei *Quaderni*, l'ideologia è il *veicolo* che gli uomini utilizzano per rispondere ai conflitti dell'esperienza. Pertanto, l'educazione deve essere un intervento ideologico per smantellare le credenze del senso comune e trasformarle in una coscienza emancipata.

**PAROLE CHIAVE:** Dialettica; Formazione scolastica; Ideologia.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, em forma de ensaio, vem de um esforço tanto em método, longe de ser apenas esta uma formalidade, como no desenvolvimento deste trabalho na tentativa de extrair uma teoria da educação – em nível de consciência como de uma práxis educativa do pensamento de Lukács e Gramsci, respectivamente tomando como método os escritos de Ontologia do Ser social e os Cadernos do Cárcere, no bojo de se pensar uma filosofia da educação como reflexão da realidade e da sociedade em âmbito do trabalho produtivo e de um trabalho político para a subversão, destruição, e construção da crença, do senso comum em direção a uma consciência emancipada. O motivo de tal temática é que temos em mente o quão o método dialético, palavra fácil na fraseologia atual, precisa se emancipar como o método ontológico de conhecimento e intervenção na realidade por até hoje como disse Lenin (2011) em seus Cadernos da Dialética, que desde Marx (no caso, no início do século XX) os próprios marxistas não haviam entendido o método, muitas vezes entendido como apenas teoria do conhecimento ou somente como método de análise de conjuntura política ou de luta de classes quando na verdade está na práxis, em sua historicidade e totalidade para intervir na realidade somada à reflexão e ao espelhamento pela consciência e ideologia. Este é o nosso desafio e será o nosso papel, para enfrentar através de um processo de formação e educação, como também Walter Benjamin, o sistema de crenças, da tradição e do senso comum. Por isso, provocamos: a ontologia do ser social e a experiência dos homens na genericidade e na individualidade: uma questão de ideologia ou de crença?

Como estamos trabalhando, em essência, com a obra lukacsiana na segunda parte da Ontologia do Ser Social, donde os complexos: o Trabalho, a Reprodução, o Ideal e a Ideologia, e por fim, o Estranhamento, são organizados no decorrer da obra em exposição sequencial, mas que na verdade são e estão articulados e interligados dialeticamente, estamos propondo trabalhar no desenvolvimento deste ensaio com esta orientação metodológica do próprio Lukács. Não por sua correção pronta ou prévia, mas, para fazermos um percurso que o filósofo húngaro percorreu para demonstrar sua Ontologia, e até para isto, para facilitar a crítica dialética, ontológica desta grande contribuição filosófica. Antes da segunda parte, o próprio Lukács, desenvolveu uma espécie de Introdução à Ontologia (2010), na parte chamada Ontologia histórica onde combateu duramente os desvios do ontológico, do ser, principalmente nas correntes tributárias do (neo) positivismo e do existencialismo. Como estamos tratando de Lukács e Gramsci, dada às circunstâncias de vida de cada um: a condição de cárcere de Gramsci na sua obra de maturidade em os Cadernos e a oportunidade que Lukács teve de ter uma produção sistematizada de seus escritos, principalmente em se tratando de sua Ontologia, privilegiamos este aspecto na proposta metodológica.

Considerando a dialética na visão de Lukács e Gramsci<sup>23</sup>, precisamos entender que o gênero da classe trabalhadora está imerso historicamente em um processo de

reprodução econômica, que longe de cessar, foi transbordando do econômico para o social, com uma sociedade cada vez mais mediada, mais fenomênica, porém, para sua contradição, com os efeitos cada vez mais imediatos do processo de reificação. Vale lembrar que na crítica de Lukács no posfácio de História e Consciência de Classe, obra seminal e histórica para Walter Benjamin (LÖWY 2005, p.25) o discurso do ensaio “A reificação e a consciência do proletariado”, não foi refutado. Por isso, a importância da consciência para derrocar esta visão reificada até a total emancipação humana, como preconiza o filósofo húngaro. Esta emancipação, pelo menos em parte, tomando como base a realidade brasileira, passa decerto pela educação e pela formação humana, que segundo Saviani (1980, p.49) deve promover “educação para a subsistência, educação para a libertação, educação para a comunicação e educação para a transformação.”

### Algumas questões preliminares.

No capítulo “O ideal e a ideologia” (LUKÁCS, 2013), a despeito da base econômica, sublinhando “base” não de forma mecânica, mas, como estrutura que se relaciona dialeticamente com os modos fenomênicos e espirituais da sociedade (educação, moral, cultura, ideologia, arte, filosofia, ciência, ética), a ação ideológica permeada em cada um desses complexos se faz como o momento predominante (LUKÁCS, 2013) já que a sociedade tornou-se mais distante da base, mais mediada e mais complexa, devido a sua divisão do trabalho (distinção entre trabalho mecânico e intelectual) e ao caráter dos pores teleológicos serem mais alternativos do que os pores teleológicos estritos ao campo de trabalho.

Por ser uma sociedade mais complexa, as cadeias causais em cada complexo singular de cada indivíduo singular possuem mais plasticidade, uma vez que é elevada junto às ações de outros singulares que no conjunto formam a *generidade*<sup>4</sup>, por isso, a *generidade* não é um processo, longe disso, é a síntese processual (LUKÁCS, 2010, p.111) dos momentos determinantes da experiência seja objetiva ou subjetiva. A ideologia é sempre uma tentativa de resposta às crises da realidade, como convergem Lukács e Gramsci (LUKÁCS, 2013). É uma forma de luta política, mas, restrita a factibilidade da base econômica. Por isso, a cada etapa do desenvolvimento humano (das capacidades humanas) e econômico, a ideologia também se desenvolve como forma mais complexa de combate e de resposta às crises, assim, como na influência dos indivíduos e do gênero. A ideologia para os homens é o *veículo* (LUKÁCS, 2013) de suportar e dar alternativa às crises da realidade e de seu tempo. É, portanto, inexorável ao ser humano.

### Algumas questões sobre a ideologia

Desta forma, temos na ideologia e no processo de formação o momento predominante, uma vez que temos historicamente toda uma concepção de sociedade mediada, complexa que se distanciou muito da base econômica. Mas, precisamos

conceituar e cercar melhor o que é ideologia e o que se mistura com a crença, articulando com os conceitos de objetivação<sup>5</sup>, alienação<sup>6</sup> e estranhamento<sup>7</sup> (LUKÁCS, 2013, p.580). Importante também não perder de vista a crença, o senso comum, também alertado por Gramsci (2011a), visto que a crença é a cristalização de uma impressão e ideia na experiência (KIRALY, 2012, p. 16), isto é, é a imagem incrustada, e como tal, percebemos que a crença é um momento determinante dentro do conceito e prática da ideologia.

A ideologia como corrobora Lukács, citando no primeiro parágrafo da seção *O problema da ideologia* o pensador de sua época de juventude, Antônio Gramsci (LUKÁCS, 2013, p. 464): que ideologia tanto pode ser a falsa consciência (consciência burguesa, reacionária, etc.) como o ‘veículo’ (LUKÁCS, 2013) pelo qual os homens se utilizam para dar resposta a suas crises frente à realidade, seja em âmbito subjetivo e objetivo.

Gramsci certa vez falou de um duplo significado da expressão ideologia. Em suas interessantes explanações devemos, entretanto, criticar o fato de ele contrastar a necessária superestrutura somente com as representações arbitrarias dos homens singulares. Ainda assim, cabe-lhe o mérito de ter articulado claramente a ambiguidade sempre furtiva desse termo tão importante. Mas, ao fazer isso, ele infelizmente incorre imediatamente numa abstração convencional. Por um lado, está correto que os marxistas entendem por ideologia a superestrutura que necessariamente surge de uma base econômica, mas, por outro lado, é errôneo compreender o conceito de ideologia em seu uso pejorativo, que representa uma realidade social indubitavelmente existente, como formação arbitrária do pensamento de pessoas singulares (LUKÁCS, 2013, p. 464)

Se o problema for formulado dessa maneira, evidencia-se de imediato o que une ontologicamente os dois conceitos de ideologia mencionados por Gramsci. A ideologia é sobretudo a forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social humana consciente e capaz de agir. Desse modo, surgem a necessidade e a universalidade de concepções para dar conta dos conflitos do ser social; nesse sentido, toda ideologia possui o seu ser-propriadamente-assim social: ela tem sua origem imediata e necessariamente no *hic et nunc* social dos homens que agem socialmente em sociedade. (LUKÁCS, 2013, p. 464)

Isto é, ideologia é um *ser* ou um *dever ser*. Desta forma, compõe-se como momento determinante a crença *a* ou *b*. Independente se a crença é verdadeira ou falsa, se é que podemos afirmar criticamente isso, tal discriminação não vem ao caso. Podemos traduzir em suma que: a crença é uma categoria em si estática, uma categoria *em si*, sendo que a ideologia é uma categoria *para si*, dinâmica. Sobre a crença e os costumes, Lukács coloca isso de modo bem claro quando discorre que o homem em sua imediaticidade, isto é, em sua relação com a realidade objetiva possui um caráter estático (LUKÁCS, 2010, p. 130), estável no tocante a tradição e a instituição das crenças da sociedade. Por isso, para ele é difícil *desantropomorfizar* (COUTINHO, 2005), em suma, decompor

ontologicamente o cotidiano (LUKÁCS, 2010, p. 130) para encontrar a correção da concepção do ser social (consciência). Gramsci ressalta que certa educação e costume é uma necessidade objetiva (GRAMSCI, 2011a, p. 52), portanto, não significa que é um fim em si mesmo e que não possa ser abarcada.

Porém, diferente desta relativa ‘estabilidade’ da crença, no âmbito da ideologia é plenamente possível um transitar de um status a outro seja por motivos morais, éticos, políticos, etc., mudança essa forçada pelas circunstâncias porque, como vimos, ideologia não é só o que se pensa, e sim, como se age. Por isso, críticas ocorrem quando um candidato a cargo eletivo e político que defende uma coisa e quando assume o poder o faz diferente. Exemplo disso seria redundância do que se vê na realidade. Mas, podemos citar o então candidato Obama na sua primeira eleição que defendia o fechamento sumário das atividades de Guantánamo e que no final do seu mandato em 2017, não só não havia (como não há) previsão para ‘cessar’, como decerto perdurou como aparelho do Estado americano na pretensa guerra contra o terrorismo internacional.

Esta concepção da ideologia como mais abrangente do que a crença é de suma importância para um projeto de esclarecimento e consciência, para um processo de educação crítica; se não teremos professores derrotistas que vivem na contemplação e acreditam que o conteúdo é o que está acabado e determinado nos livros em detrimento da formação humana e da demissão de crenças retrógradas por intermédio da ação ideológica progressista. Neste ponto, Gramsci defende abertamente que é possível modificar crenças (GRAMSCI, 2011, p. 54), destruir e construir novos padrões de conduta moral. Mas, alterar uma crença não é fácil, ainda que não seja impossível. Na verdade, há uma sobreposição de crenças umas nas outras, mas, algumas, principalmente as que dão origem a sua forma de pensar dificilmente são sobrepostas ou perdem a validade com facilidade. Ocorre muito de termos pessoas progressistas que defendem uma sociedade justa e igualitária economicamente, mas, não para orientação sexual ou ainda para a liberdade de gênero. Isto é, a pessoa possui uma via liberal na via econômica, mas, conservadora, nas questões humanas que lembram muito a tradição histórica em “defesa da moral e dos bons costumes”.

Por isso, discorremos que a ideologia é mais dinâmica que a crença pois o homem no comando ou em uma esfera de poder precisa tomar decisões seja no âmbito ideológico ou prático que se chocam com suas crenças, do que se entende por dentro, mas que não pode deixar de seguir adiante sob pena de sua ruína (LUKÁCS, 2013) ou de um coletivo. Mesmo uma decisão de cunho prático está na ordem da ideologia. O pragmatismo é uma corrente filosófica, portanto, também é ideologia no sentido lato do termo.

Mas a crença não vem de si mesmo, advém das imagens e impressões na experiência, e podemos relacionar justamente com o estranhamento. Por quê? Porque, o estranhamento é uma forma, uma categoria social que se desenvolve entre a contradição do desenvolvimento humano versus o desenvolvimento da personalidade humana, conforme defende Lukács (2013, p.580). E, a nosso ver, em certa medida por Gramsci

(2011a, p.51). Entenda-se desenvolvimento não no sentido estritamente positivo, mas, sim também negativo a depender do valor objetivo e subjetivo que se incrementa. É o desenvolvimento histórico da economia e da humanidade independente de critérios axiológicos que se tenha deste movimento, que é irreversível (LUKÁCS, 2010).

Por isso, com efeito, se o estranhamento é uma contradição do homem em sua relação entre o processo de objetivação e de alienação, entre a *generidade* humana e a personalidade humana, está claro que esta contradição se dá na realidade da experiência, por isso, podemos pelo menos auferir a hipótese de que as crenças (imagens das impressões e das ideias) estão dentro do processo de estranhamento. Aliás, o estranhamento (LUKÁCS, 2013) é um processo natural e social entre os homens. Pois, na sua relação com a experiência o ser humano sempre colocará em contraposição a *generidade em si* (desenvolvimento humano) visando chegar à sua *generidade para si*, (LUKÁCS, 2013, p. 602) isto é, a sua individualidade. Desta forma, podemos desmembrar o estranhamento com base na concepção de Lukács em três pontos (LUKÁCS, 2013, p. 633): 1) é um fenômeno de essência econômica; 2) por outro lado, em paralelo, é um fenômeno ideológico que tem estritamente no indivíduo a sua superação; e 3) não deixa de ser uma abstração (ideológica), mas concreta (pois possui base no plano econômico).

Afinal, o ser humano no seu desenvolvimento de gênero mudo (ser natural), gênero não mais mudo (ser social<sup>8</sup>) passando da singularidade para a particularidade (LUKÁCS, 2010, p. 125), para desenvolver, enfim, a sua individualidade é que consegue de fato emancipar-se como ser humano e não estar nem apregoado a *generidade* bruta (advinda da economia), nem a *generidade* em evolução (o que aprisionaria o mesmo na mera particularidade, isto é, uma *generidade* não totalmente bruta, mas, ainda, não desenvolvida, etc.). Portanto, é apenas no desenvolvimento pleno de sua individualidade, de sua *generidade* para si, que o homem encontra sua liberdade na experiência. De pensar, de sentir e ser crítico em sua relação com o mundo e com os demais homens como uma relação intelectual, prática, sensível, isto é, social.

### **Algumas questões sobre o método dialético como método educativo (reflexão filosófica)**

Portanto, podemos esboçar o método dialético em Gramsci e Lukács no processo de educação crítica, como: o educador ao fazer uma explanação de determinado assunto para os educandos, como por exemplo, sobre a administração contemporânea na perspectiva da escola das relações humanas: O professor pode muito bem explicar o tema de forma positivista, explicando somente a escola; isto é, a hierarquia das necessidades de Maslow, a experiência de Hawthorne da General Electric, etc. Porém, ele não estaria tendo uma abordagem verdadeiramente dialética. Pois, bem: ele precisaria contextualizar esta escola como sendo uma evolução da escola da administração científica e clássica de Taylor e Fayol, explicar que a própria ciência da administração é decorrente da

Revolução Industrial, do deslocamento das massas rurais para os centros urbanos com o advento do capitalismo, com a expansão das grandes empresas, com a precarização do trabalho humano, sua robotização, e veja, até com reflexo disto na cultura (filme de Chaplin, em *Tempos Modernos*).

Precisaria abordar também sobre a formação cada vez mais estruturada e distinta entre patrões e empregados, da tentativa de contrapor a essa escola ‘científica’ de entender o ser humano também como subjetivo e não como motivado somente por recompensas financeiras, assim como explicar todo este panorama no contexto do pós-guerra, da revolução Russa em 1917 e da Guerra Fria. Idem para o avanço da tecnologia com o fenômeno da racionalização em toda a sociedade; pois bem... Finalmente, se o educador não se propuser a isto, a dar conta da totalidade concreta e da história concreta que levou ao desenvolvimento da estrutura que por abstração ele explana como tema, ele estará dando uma aula fechada, anacrônica, monotrópica e manipulada. Os educandos não terão desta forma como sair completamente do senso comum e elevar criticamente sua consciência em reflexo à realidade histórica.

Depois da explanação, é salutar dar democracia na *base*, isto é, deixar os educandos falarem, fazerem suas críticas e tirarem suas dúvidas sobre o assunto e sempre que possível, como é de se imaginar, os alunos poderão abordar o seu conhecimento acerca do assunto contextualizando com sua experiência e conhecimento pessoal. Por exemplo, o aluno pode falar que na sua empresa ou na empresa do seu pai há um trabalho exacerbado levando a que o mesmo não tenha tempo livre para o lazer. Esta é uma forma de ligar o assunto do subjetivo do aluno ao objetivo do conteúdo e fazer com que a experiência e o conhecimento pessoal se integrem à história e a uma totalidade de determinado assunto, contexto e campo do conhecimento pelo menos de forma mais aproximada possível da realidade (histórica) que está sempre em construção.

Outro ponto importante seria dar voz e provocar os alunos mais críticos, questionadores que gostam de polemizar e de provocar debates do assunto. É mais uma forma de nesta afronta saudável, o educador ter condições de construir junto com os alunos um conhecimento dialético. Através de um processo estético (*que busca harmonizar a estrutura humana do subjetivo e objetivo como numa obra de arte*), político (por ser democrático e construtivo na relação social entre professor e aluno) e pedagógico por estar explanando o conhecimento de forma histórica, na sua totalidade e em libertação das amarras acríicas do pensamento e do agir. As polêmicas dos alunos mais críticos poderão servir de espelho ontológico para os demais alunos já que temos que respeitar os alunos e suas crenças e estranhamentos. Desta forma, sabemos que alguns são mais audazes; outros mais recatados e tímidos; e outros possuem conflitos e tensões subjetivas mais gritantes do que outros. Mas, é inegável que dando liberdade para cada aluno falar ou de ouvir atentamente os que se sentem mais à vontade para falar, as crenças falsas podem ser dissolvidas dando mais solidez as crenças verdadeiras, e principalmente, como defende Gramsci (GRAMSCI, 2011<sup>a</sup> que dirá que não se pode convencer pela força da

autoridade. É preciso que os alunos se tornem críticos com sua própria lógica e liberdade de pensamento. Desta forma, podem sair da reificação e de uma consciência de mercadoria, mecanizada, regrada, previsível para uma consciência crítica, e com isto, sair de um estranhamento pernicioso para um mais virtuoso; a mesma coisa, valendo para a crença já que o estranhamento e a crença são processos sociais que retroagem e que implicam em subjetivações. E para isto, o papel ideológico da educação é de vital importância. Claro que devemos ser sempre críticos e não abusar de esquematismos, de receitas e modelos prontos, mas, como temos que pela abstração fazer referência ao método dialético com um exemplo concreto, tivemos que lançar mão deste recurso.

### Considerações finais

Discorrendo então sobre crença, ideologia e estranhamento, além dos conceitos sobre objetivação e alienação, temos que partir para um outro ponto. Se o estranhamento, a ideologia e a crença são processos sociais que se justificam na experiência entre os homens, a contradição dada às devidas proporções nesta relação entre homens distintos; podemos ter crenças, obviamente, distintas. Mas, pressupõem também crenças falsas e verdadeiras, ideologias falsas ou verdadeiras. Isto justifica porque muitos advogam em sua ideologia à volta ao um naturalismo ou a um cristianismo primitivo, em suma, defendem à volta ao passado e a ideologias passadas.

Para exemplificar, mediando um pouco com a história, o caso do domínio da Igreja de Belarmino (LUKÁCS, 2013, p.109) é emblemático a tal ponto de dogmas ‘fingirem’ fazer flexibilizações para no fundo se manterem como sempre foram: dogmas e fundamentos, totalmente draconianos em termos de contexto histórico, ultrapassados, mas que se sustentam na crença e na experiência das pessoas com uma força e sustentação ímpares.

Outros, ao contrário defendem um futuro em que há exacerbada visão utópica, uma espécie de reino dos céus mesmo com a postergação da parúsia<sup>9</sup> (LUKÁCS, 2013, p.509), e sacrificam-se uma vida inteira em prol de um futuro governado por um transcendente. Ou então, a defesa de uma vida futura em que haverá total adesão a preservação do meio ambiente, etc. A nosso ver, são crenças que se compõem em ideologias, isto é, além de ser uma crença, servem de veículo para a luta social e política em que buscam a todo jeito adequar à realidade objetiva aos anseios e imagens do mundo construído subjetivamente. A crença no nazismo decerto colocou pessoas comuns que poderiam seguir as carreiras como advogados, contabilistas, economistas, mas, que serviram de quadros para o NSDAP “*Partido Nacional dos Trabalhadores Alemães*”, muito por conta do processo de dissolução moral (GRAMSCI, 201, p. 53-54) como defende Gramsci ou da estagnação ou deformação moral da particularidade, como cita Lukács (LUKÁCS, 2013, p.791).

Todo este aparato e arcabouço dialético de compreender o que é ideologia, crença, objetivação e estranhamento são de extrema relevância para os intelectuais e militantes

da educação manejarem e instrumentalizarem estes mecanismos sociais de tal modo a construir o conhecimento sem ferir gratuitamente estranhamentos, crenças, mas, subvertendo-as, modificando através da ideologia e de uma visão concreta do todo, pois, mais uma vez, não é uma receita pronta, mas, é inegável que o processo de emancipação e de liberdade está atrelado ao processo de esclarecimento, de instrução e de educação. Em suma, fica mais *'fácil'* libertar a consciência quando damos oportunidade da mesma se expandir e absorver sensações e percepções outras, pois, são as sensações e percepções que em última instância, formam as crenças, pela experiência. Por isso, Gramsci (2011a, p. 53), consciente desta questão sensível e cara ao ser humano defende que é preciso não repudiar as crenças dos outros, mas importante contra-argumentar, dialeticamente, historicamente, buscando uma perspectiva da totalidade, como ressalta Lukács<sup>10</sup>.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.

COUTINHO, Carlos Nelson. “Lukács e Gramsci: apontamentos preliminares para uma análise comparativa”, in **“De Rousseau a Gramsci: ensaios de teoria política”**. São Paulo: Boitempo, 2011

GRAMSCI, Antonio, **Cadernos do Cárcere: Cultura, Ação Católica, Americanismo e Fordismo**. Vol. 45ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a).

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce**. 5ª edição. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b).

KIRALY, Cesar. **Ceticismo e Política**. (Giz Editorial. São Paulo. 2012).

LENIN, V.I. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

LUKÁCS, Georg. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013).

\_\_\_\_\_. **História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista**. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

LÖWY, Michael. “Gramsci e Lukács: em direção a um marxismo antipositivista”, in **Romantismo e Messianismo**. (São Paulo: Perspectiva, 2008)

\_\_\_\_\_. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005

MÉSZÁROS, István, **Para além do capital**. 1ª edição revista. São Paulo: Boitempo, 2011.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

## NOTAS

1. Doutor em Educação pela UFF e Mestre em Ciência Política pela UFF. Graduado em Administração pela Universidade Cândido Mendes. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia, Política e Educação - NuFIPE e do Instituto Norberto Bobbio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6304-2329>. E-mail: [diegodantas@uol.com.br](mailto:diegodantas@uol.com.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1393225678432500>.

2. O motivo de confluir Lukács e Gramsci se deve ao fato do interesse e pesquisa de renomados autores. Ver: LÖWY, Michael. “Gramsci e Lukács: em direção a um marxismo antipositivista”, in *Romantismo e Messianismo*. (São Paulo: Perspectiva, 2008). Pág. 97-110 “A homologia teórica entre Gramsci e Lukács é

- particularmente evidente se se comparar suas análises respectivas da principal obra de Bukharin, Teoria do Materialismo Histórico. Manual Popular de Sociologia Política (1922). Ambos vão criticar severamente seu “materialismo”, burguês e contemplativo, para Lukács, metafísico e vulgar, segundo Gramsci”; Ver: COUTINHO, Carlos Nelson. “Lukács e Gramsci: apontamentos preliminares para uma análise comparativa”, in *“De Rousseau a Gramsci: ensaios de teoria política”*. São Paulo: Boitempo, 2011. Pág. 159-160. Ver, também, MÉSZÁROS, István, *Para além do capital*. 1ª edição revista. (São Paulo: Boitempo. 2011. Pág. 381.
3. Citação de Gramsci a Lukács se referindo a História e consciência de classe. “Deve-se estudar a posição do Prof. Lukács em face da filosofia da práxis. Parece que Lukács afirma que só se pode falar de dialética para a história dos homens e não para a natureza. Pode estar errado e pode ter razão. Se sua afirmação pressupõe um dualismo entre a natureza e o homem, está errado, já que cai numa concepção da natureza própria da religião e da filosofia greco-cristã, bem como do idealismo, que não consegue unificar e relacionar o homem a natureza mais do que verbalmente. Mas, se a história humana deve também ser concebida como história da natureza (também através da história da ciência, então como a dialética pode ser separada da natureza?) Talvez Lukács, reagindo às teorias barrocas do Ensaio Popular, tenha caído no erro oposto, numa espécie de idealismo.” (GRAMSCI, 2011b, p. 167).
  4. Generidade, apesar de ser um neologismo é descrita pela Prof. Doutora Ester Vaisman na tradução, como essência do ser, in Georg, Lukács, *Prolegômenos para uma Ontologia do ser social* (São Paulo: Boitempo, 2010). Pag. 73.
  5. Podemos definir objetivação (exteriorização da consciência na realidade) como um processo natural da relação social entre os homens. Pois nesta interação na experiência, os homens criam mecanismos sociais que são exteriorizados do indivíduo a toda sociedade. É o caso da linguagem, da arte, do trabalho, que promovem uma relação intelectual, ativa e prática entre os homens. É o processo de reprodução do homem pelo homem .
  6. Com relação à alienação, temos o inverso. É um processo que diz mais ao indivíduo no tocante a sua visão estranhada no trabalho que avança no capitalismo, na concepção de mercadoria, de reificação, de coisificação das relações humanas; remete mais a individualidade humana do que ao gênero.
  7. Já o estranhamento, na medida em que o ser humano se relaciona com o outro, e com a generidade (tanto da sociedade quanto à individualidade), há uma contradição entre o desenvolvimento humano e a personalidade. (LUKÁCS, 2013, p.580).
  8. Gramsci coloca a questão em outros termos. Mas, cita a questão do desenvolvimento histórico, contraditória com a consciência. (GRAMSCI, 2011, p.51).
  9. O ser social é determinado pela economia que determina a generidade, que é a unidade e a essência do ser social, em seus polos sociedade e individualidade. A individualidade com suas decisões alternativas forma a realidade. (LUKÁCS, 2010, p. 125).
  10. A segunda vinda de Jesus Cristo à terra, como descrito pelo apóstolo Paulo.

*Recebido em 3 de agosto de 2023*

*Aceito em 6 de maio de 2024*

*Editado em junho de 2024*